

Revista

PASSADIÇO



Edição 29

Ano XXII

2009



*“Sustentar o fogo,
que a vitória é nossa.”*

Almirante Barroso



**Corveta Barroso
Transferência ao Setor Operativo**



ISSN 1678-822X

CAAML - 66 ANOS ADESTRANDO EM TERRA E NO MAR



Mina: uma Arma à Espreita

CF JOSÉ CORRÊA PAES FILHO

Era uma bonita tarde de domingo na Vila Naval de Inema, da Base Naval de Aratu. Observava meus filhos brincando no jardim, enquanto preparava minhas aulas do curso de Guerra de Minas (GM). Navegava pela internet procurando mais informações sobre o assunto para enriquecer minhas aulas. Guerra de Minas é assunto que me fascina pela sua história e pelo fato de ter comandado um Navio-varredor Classe "Aratu". Foi, então, que encontrei o sítio do livro *No Higher Honor*, de autoria de Bradley Peniston, que conta a fascinante história do Navio USS *Samuel Roberts*, que tento resumir a seguir.

O ano era 1988, dia 14 de abril. Eram quase cinco horas da tarde e o USS *Samuel B. Roberts* (FFG 58), uma Fragata da classe *Oliver Hazard Perry*, comissionada em 1987, navegava nas águas do Golfo Pérsico há três meses. No seu quarto de serviço, o vigia *Gibson* cumpria seu serviço buscando contatos com binóculo. Era um vigia bem treinado e adestrado, depois de vários quartos de serviço, em três meses de comissão. Era um serviço tranquilo e o *Roberts* navegava a 25 nós. Apesar da tranquilidade, o perigo era iminente. Menos de um ano antes, um caça iraquiano lançara dois mísseis na Fragata da Classe USS *Stark* (FFG 31) matando 37 tripulantes.



Comandante do USS *Samuel B. Roberts* posa ao lado do "E" de eficiência.



Ciente do perigo, a tripulação do *Roberts* redobrou seus esforços em adestramento, desde que chegara ao Golfo Pérsico, e se mantinha constantemente vigilante. Aquela era a primeira grande comissão do navio, que tinha como missão proteger navios petroleiros do Kuwait. Vários

navios norte-americanos participavam da Operação *Earnest Will*, a primeira Operação de Comboio depois da II Guerra Mundial (II GM). O *Roberts*, até mesmo, acabara de ganhar o Troféu Eficiência como melhor navio da sua Força.

Na câmara, o Comandante do navio se preocupava com uma ameaça que não apareceria nos radares, a mina naval. Desde a II GM, as minas avariaram mais navios norte-americanos do que outros armamentos, tais como mísseis, canhões e bombas juntos. Uma mina de contato iraniana, tipo M-08, já havia avariado um petroleiro e os navios americanos não possuíam nenhum equipamento capaz de localizar minas, apenas os olhares aguçados dos vigias com seus potentes binóculos.

No tijupá, o marinheiro *Gibson* continuava a dar seu serviço de vigia procurando alvos no horizonte. A 1.000 jardas, pela bochecha de boreste, *Gibson* avistou três objetos flutuantes de cor preta. Os objetos possuíam carapaças arredondadas e protuberâncias. Foi aí que *Gibson* pensou: "São minas". Imediatamente, *Gibson* avisou o oficial de serviço do passadiço que, ao avistar as minas, mandou parar máquinas e, em seguida, ordenou "Máquinas atrás um terço". O comandante do navio, na câmara, percebeu que o navio estava com máquinas atrás e depois de um telefonema correu para o passadiço. Ele avistou os três objetos alinhados e teve a certeza de que eram minas. Não havia mais nada a fazer, o navio já estava caindo para ré, mas não o suficiente para se livrar da ameaça. Eram exatamente 16h50 daquele fatídico dia. Ouvia-se um barulho de metal batendo no casco e, em seguida, uma explosão.

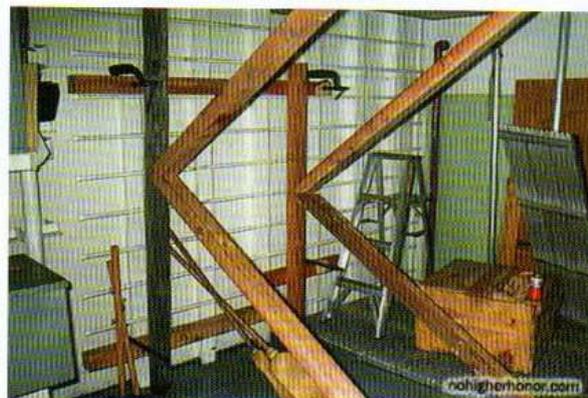
A explosão sacudiu o navio de proa a popa, e o fez sair da água, derrubando *Gibson* da sua cadeira de vigia. Gases superaquecidos saíram por um furo no costado. Pouco depois, outra explosão gerou uma bola de fogo, arremessando fragmentos por todo o convés. Por reflexo, após várias horas de exercício, os componentes dos Reparos de CAV guarneceram suas mangueiras, pressentindo que algo muito grave havia ocorrido.



Mina Iraniana M-08



Rombo no casco do USS Samuel B. Roberts causado pela mina M-08



Escoramento realizado pela tripulação do Roberts

O *Roberts* estava afundando e pegando fogo. Estava escoteiro num campo minado e num mar em guerra infestado de tubarões. A tripulação lutava para sobreviver. Eles guarneciam um excelente navio, liderados por oficiais competentes e bem preparados para o combate.

O *Roberts* bateu numa mina iraniana M-08. A explosão quebrou a quilha do navio, abriu um buraco no casco abaixo da linha-d'água e incendiou quatro conveses do navio. Uma praça de máquinas principal e uma auxiliar alagaram imediatamente, e um terceiro compartimento começou a alagar, ameaçando por a pique o navio. Foram cinco horas de combate a incêndio e contenção do alagamento.

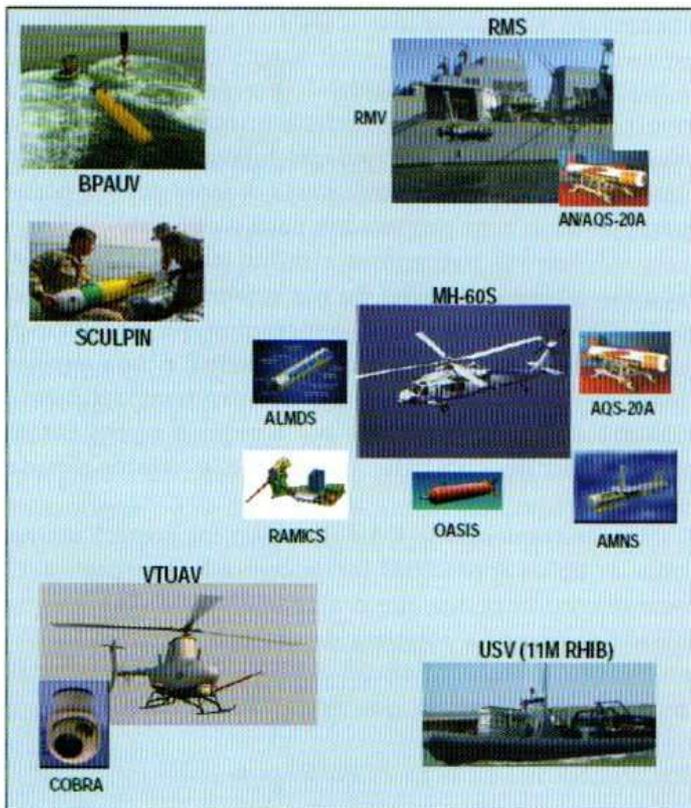
O adestramento de CAV do navio foi posto à prova. Todas as lições aprendidas foram colocadas em prática. O escoramento impediu que o alagamento de óleo e água salgada rompesse a antepara de um paiol. O fogo foi tão intenso que deixou a chaminé do *Roberts* enegrecida pelas cinco horas de incêndio, que avançou pela noite.

Ensinamentos e Quebra de Paradigma

O clássico sobre GM *Weapons that Wait* classifica a mina como uma "arma que espera", ou melhor, que fica à espreita. Diferente de outras armas, o alvo vem ao



Docagem do USS Samuel B. Roberts no mar.



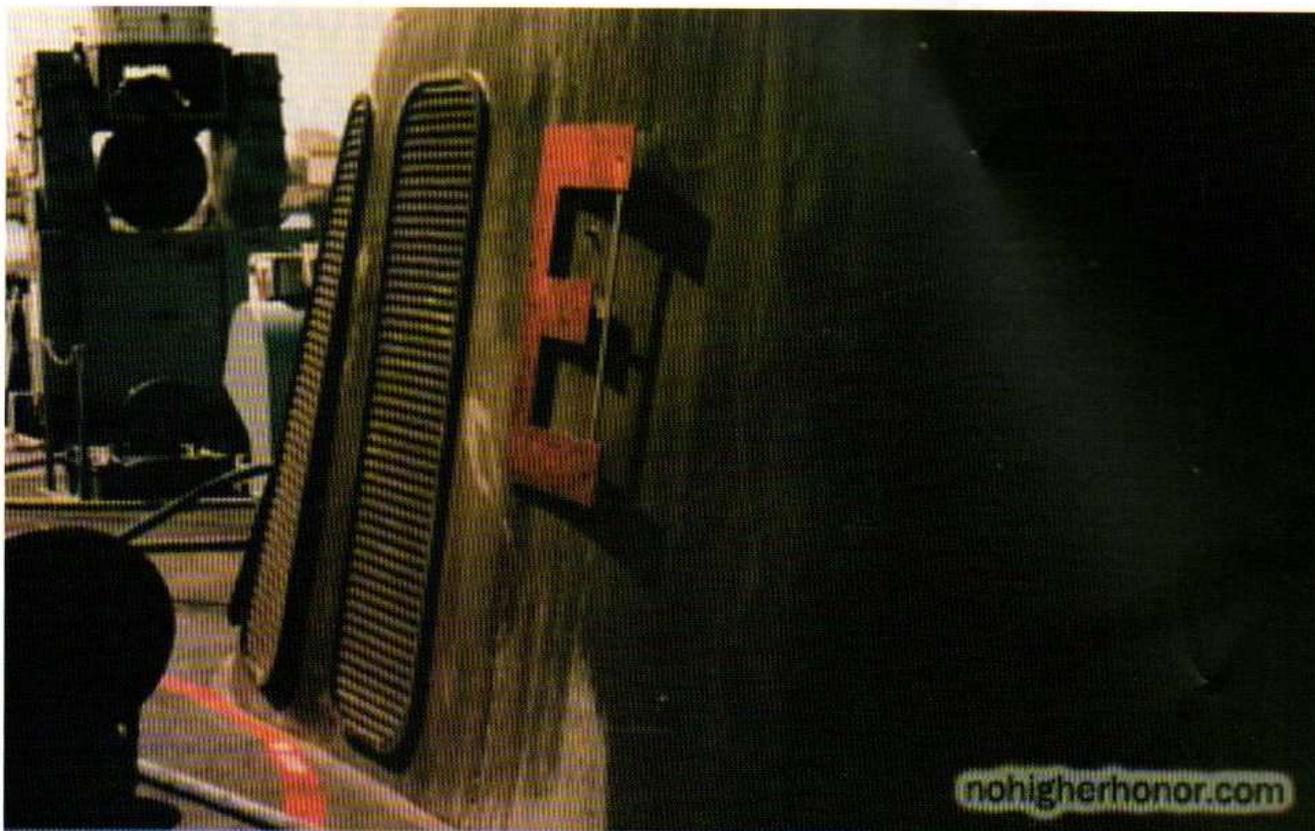
Equipamentos usados em Guerra de Minas Orgânica.

encontro da arma. A mina naval é uma eficiente arma multiplicadora de força e é uma das armas com melhor custo-benefício dentre as armas navais. Minas são pequenas, fáceis de projetar, possuem baixo custo para aquisição, requerem pouca manutenção e podem ser facilmente plantadas por qualquer tipo de plataforma.

As minas podem ser usadas para negar o uso do mar a inimigos e para defender alvos importantes, tais como portos, ancoradouros e estruturas *offshore*. Minas podem afundar ou imobilizar navios de superfície e submarinos. Minas plantadas são difíceis de serem removidas e neutralizadas.

Um importante aspecto da GM é a capacidade de uma Força Naval lidar com minas navais enquanto as Forças de Contramedidas de Minagem (CMM) estão em trânsito ou ocupadas em outras operações. Sem esta capacidade, as Forças ficam imobilizadas até que os meios de CMM possam realizar as operações de limpeza de minas.

Para garantir que os comandantes de Fragatas sejam capazes de operar livremente e com segurança, em áreas sujeitas à minagem, a Marinha Norte-americana decidiu tornar a GM orgânica aos navios, assim como já acontece com as Guerras Aéreas, de Superfície e Antissubmarino. Desta maneira, a Marinha Norte-americana está quebrando um paradigma. Antes, só Navio-varredores e Navios Caça-minas possuíam capacidade de varrer e neutralizar minas.



Chaminé do Roberts enegrecida pelo incêndio.

O antigo Comando da Força de Minagem e Varredura foi substituído pelo Comando da Força de Guerra de Minas e Guerra Antissubmarina, sob o comando de um Contra-Almirante.

Se o USS *Samuel B. Roberts* possuísse equipamentos de CMM embarcados, com certeza não teria sido avariado por uma mina. O objetivo da GM Orgânica é permitir que Forças Navais possam navegar com um nível de risco aceitável, em áreas minadas, e possam se concentrar na sua missão. No caso do *Roberts*, a missão de proteger navios mercantes foi interrompida pela incapacidade de operar em campos minados.



REFERÊNCIAS

- [1] Peniston, Bradley. "No Higher Honour". Naval Institute Press. EUA. 2006
- [2] Ocean Studies Board, National Research Council. "Oceanography and Mine Warfare". EUA. 2001.
- [3] NMAWC. "Naval Mine and Anti-submarine Warfare Command". US Navy. <http://www.nmawc.navy.mil>. 2009.
- [4] EGUERMIN. "Belgian-Netherlands Naval Mine Warfare School". Bélgica. 2009
- [5] MINWARA. "The Mine Warfare Association". EUA. 2009.
- [6] US NAVY. "United States Navy". <http://www.navy.mil>. EUA. 2009.
- [7] Hartmann, G. K. "Weapons that wait". Naval Institute Press. EUA. 1979.